

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM INSTRUMENTO PRÉ-HISTÓRICO ENCONTRADO EM SETÚBAL.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1951 | Número: 61

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Um Instrumento pré-histórico encontrado em Setúbal. *Revista de Guimarães*, 61 (1-2) Jan.-Jun. 1951, p. 134-140.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um instrumento pré-histórico encontrado em Setúbal

POR OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

Pertencem os exemplares estudados no presente trabalho ao meu amigo Engenheiro Fernando Moitinho de Almeida.

Foram as peças encontradas no decurso das obras de alargamento da estrada de Lisboa, à saída de Setúbal.

Em virtude destes trabalhos, foi necessário entulhar um poço abrangido pela área de alargamento da referida estrada. Para indemnizar o proprietário do terreno onde se encontrava o poço, teve de proceder-se à abertura de um outro, e, quando se realizava esta obra, encontraram-se os dois instrumentos, acompanhados de vários fragmentos de cerâmica que os trabalhadores partiram. Salvaram-se apenas estes dois objectos, que mais tarde foram entregues ao Engenheiro Moitinho.

A cerâmica e as duas peças a seguir descritas estavam à profundidade de cerca de seis metros, e em terreno de aluvião.

A região de Setúbal, donde provêm os dois instrumentos, é notável pelas suas antiguidades pré-históricas e romanas.

Citaremos, entre outras, o Castro de Rotura ⁽¹⁾, o Castro de Chibanes ⁽²⁾, as célebres grutas da

(1) J. Marques da Costa, «A Lapa de Rotura», in *O Arch. Port.*, Vol. VIII, Lisboa, 1903.

(2) J. Marques da Costa, «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal», in *O Arch. Port.*, Vol. XIII, 1908 e XV, 1910, Lisboa.

Quinta do Anjo (Palmela) (1) e as ruínas romanas de Tróia (Caetobriga?) (2), etc.

Além destas, há muitas outras (3) que não vale a pena mencionar, pois, quanto a nós, bastam aquelas para dar ideia de quanto é pródigo em achados arqueológicos o termo de Setúbal.

a) INSTRUMENTO DE USO DESCONHECIDO

O instrumento que passamos a descrever (*Fig. 1*), tem de comprimento 0,235 m., de largura máxima 0,035 m., e de espessura também máxima 0,0215 m. É constituído por um anfibólito negro de bastante dureza e muito denso. Tem forma elíptica fusiforme, em que o eixo maior desta elipse muito irregular é cerca de dez vezes o do eixo menor. Numa das extremidades termina por um chanfro muito afiado com cerca de um centímetro de largura; na extremidade oposta termina em cunha arredondada, assimétrica.

O perfil deste instrumento mostra uma das faces bastante convexa, enquanto que a oposta é completamente plana. A secção, a meio, é uma elipse perfeita. Na face plana notam-se uns rebaixamentos próprios da rocha que não foi atingida pelo polimento

(1) Emile Cartailhac, *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886.

— Nils Aberg, *La civilisation Énéolithique dans la Péninsule Iberique*, Halle, 1921.

(2) J. Leite de Vasconcelos, «Ruínas de Tróia», in *O Arch. Port.*, Vol. I, Lisboa, 1895.

— J. Leite de Vasconcelos, «Estudos sobre Tróia de Setúbal», in *O Arch. Port.*, Vol. III, Lisboa, 1897.

— Maximiano Apolinário «Idem», in *O Arch. Port.*, Vol. III, Lisboa, 1897.

— Arronches Junqueiro, «Idem», in *O Arch. Port.*, Vol. V, Lisboa, 1899-1900.

(3) J. Marques da Costa, «Esbôço da carta dos arredores de Setúbal, indicativo das estações pré-históricas e romanas», in *O Arch. Port.*, Lisboa, Vol. XII, 1907.

dado ao instrumento. De resto, todo ele é bastante afeiçoado e polido com muito cuidado. Uma das particularidades mais interessantes do referido objecto, reside no facto de, por cima do furo biconico que apresenta na parte superior, e a cerca de um quarto do comprimento do objecto, terem começado outro nas duas faces, o qual deixaram só em começo. O furo que apresenta, tem de abertura cerca de meio centimetro e é característico dos instrumentos, berloques ou contas, etc., encontrados nas estações pré-históricas desde o Neolítico até ao Bronze. Nas Caldas de Monchique (1), Cascais (2), Vila Nova de S. Pe-

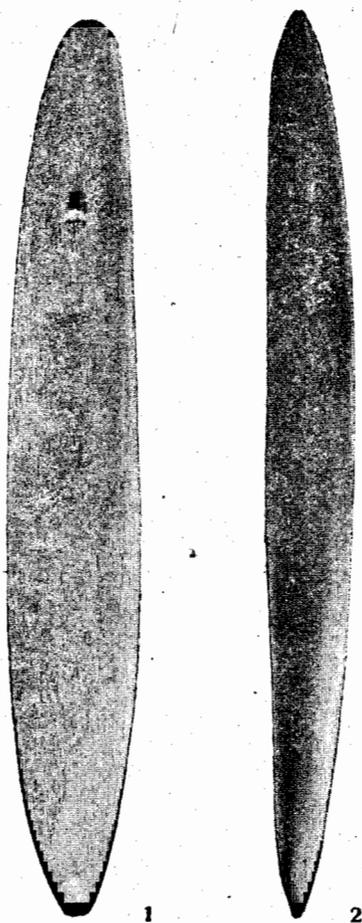


Fig. 1 — Instrumento de pedra polida, visto de frente (1) e perfil (2).

1/2 do tam. nat.

(1) A. Viana, O. da Veiga Ferreira e José Formosinho, «Las Necrópolis de las Caldas de Monchique», separata do *Archivo Español de Arqueología*, número 77, 1949, Madrid.

(2) Afonso do Paço, «Grutas do Poço Velho ou de Cascais», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXII, Lisboa, 1942.

dro (1), Palmela (2), estações dos arredores de Lisboa (3), etc., e em Espanha (4), principalmente no Sudoeste, encontram-se contas, berloques, placas de xisto, dentes, etc., com a mesma técnica de furação que foi usada no objecto em estudo.

No Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, existem três objectos maiores do que este, procedentes de Mafra. Um deles, justamente o maior, assemelha-se um pouco ao nosso mas não é furado.

Nos trabalhos de Santos Rocha (5) referentes ao Concelho da Figueira da Foz, vem o desenho de um instrumento mais pequeno do que este, com uma forma parecida. Santos Rocha, depois de o descrever, admite a hipótese de poder servir para escavar a terra, à semelhança das picaretas de que Mortillet já tinha falado no seu trabalho «Le Préhistorique». Este instrumento de que fala Santos Rocha também não é furado.

Marques da Costa (6), figura num seu trabalho um instrumento semelhante, mas não furado. No Mu-

(1) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «El Castro de Vila Nova de San Pedro», Separata de *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, Tomo XX, Madrid, 1945.

(2) Emile Cartailhac, *Op. cit.*

Vidé a colecção dos Serviços Geológicos de Portugal (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos).

(3) Carlos Ribeiro, *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*, Memória apresentada à Real Academia das Ciências de Lisboa, 1880.

— Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «A gruta II da Necrópole da Alapraia», Academia Portuguesa da História, *Anais*, vol. IV, Lisboa, 1941.

Vidé também a rica colecção, das grutas de S. Pedro do Estoril, no Museu de «Castro Guimarães», em Cascais.

(4) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1943.

— Alberto del Castillo, «Cronologia de la cultura del vaso campaniforme», in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 53, Madrid, 1943.

(5) A. dos Santos Rocha, «Antiguidades Prehistóricas do Concelho da Figueira da Foz», in 1 vol. de *Memórias e Explorações Arqueológicas*, Universidade de Coimbra, 1949.

(6) J. Marques da Costa, «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal», in *Archeólogo Português*, vol. XII, n.º 5 e 6, pág. 207, Lisboa, 1907.

seu Etnológico de Belém, vimos alguns um pouco parecidos mas também não apresentam furação.

Para que serviria o instrumento que apresentamos? Um ídolo certamente não é. Um berloque? com este comprimento e peso, parece também não ser. Note-se outra cousa: nunca foi usado, pois não tem sinais de ter servido. No orifício nunca passou suspensão alguma, pois o furo não apresenta o mais pequeno vestígio do desgaste que temos observado em contas e berloques encontrados noutras localidades. Seria um objecto votivo? Não sabemos, e nada mais podemos acrescentar, com os elementos de estudo que ora possuímos.

b) MACHADO DE PEDRA POLIDA

Descrevemos também este instrumento (*Fig. 2*), não que tenha qualquer particularidade digna de menção mas porque fazia parte do conjunto que, com o instrumento desconhecido atrás indicado e a cerâmica destruída pelos operários, foi encontrado em Setúbal.

Para nós, este machado reveste-se de certa importância, pois nos ajuda a resolver o problema da cronologia do instrumento desconhecido descrito na presente nota. Este machado é um belo instrumento, bem afeiçoado, muito bem polido e acabado. Tem as dimensões seguintes: comprimento 0,123 m; lar-

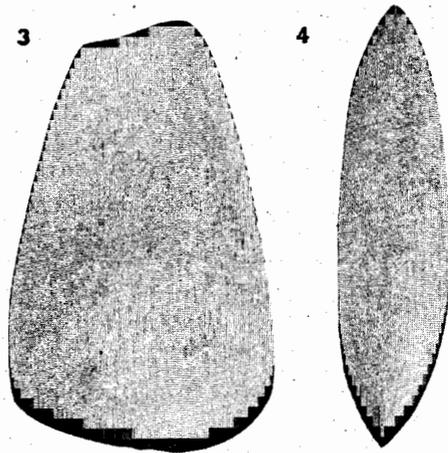


Fig. 2 — Machado de pedra polida, visto de frente (3) e de perfil (4).

$\frac{1}{2}$ do tam. nat.

gura máxima 0,076 m., espessura máxima 0,029 m. É constituído por uma rocha diorítica com bastante anfíbola, de grande dureza. Apresenta a forma trapezoidal, sendo as extremidades superior e inferior arredondadas. O gume é ondulado, perfeito e bem aguçado, apresentando uma pequena fractura que, pela pátina, deve ser antiga. Na parte oposta ao gume encontra-se também polido, tendo igualmente uma extensa fractura antiga.

O perfil mostra-nos as duas faces ligeiramente convexas, sendo uma mais acentuada do que a outra; a secção média é elíptica.

c) CRONOLOGIA DO ACHADO

A presença do machado junto ao resto dos objectos encontrados, ajuda, como se disse, a classificar o conjunto. De facto, o machado, pela sua forma, dimensões e acabamento, demonstra já a técnica dos primeiros tempos dos metais. Podemos ver exemplares semelhantes no Algarve ⁽¹⁾, Alentejo ⁽²⁾, e na nossa Extremadura ⁽³⁾, mesclados já com bastantes artefactos de cobre e de bronze, como machados planos, em estações que hoje são colocadas no último período do Eneolítico de vários autores ⁽⁴⁾

(1) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1886-1893.

(2) Vidé, em primeiro lugar, as colecções provenientes das antas do Alentejo, exploradas pelo Prof. Manuel Heleno, que se encontram no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Todo esse material está inédito.

— Georg Leisner, «Antas dos arredores de Évora» in *A Cidade de Évora*, Boletim da Câmara Municipal e de Turismo, n.º 15-16, ano VI, Março-Junho, 1948.

Vidé também várias notícias n-*O Arch. Port.*

(3) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «El Castro...», *op. cit.*

Vidé também material proveniente de várias grutas da Extremadura, depositado no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos).

(4) Muitos autores concordam com a designação chamada o Eneolítico para o período que antecede a 1.ª fase do Bronze II Mediterrâneo, de Santa Olalla. Outros adoptam a designação de Calcolítico para aquele mesmo período.

e no primeiro período do Bronze, 1.^a fase do Bronze I Mediterrâneo de Santa-Olalla (1). Sendo assim, o nosso belo instrumento tem uma idade que podemos situar entre os 2000 e 1700 anos a. C.

Agradecemos ao amigo Engenheiro Moitinho de Almeida o favor de nos deixar descrever o interessante objecto pré-histórico, assim como ao amigo Dr. Zbyszewski, por todas as facilidades e esclarecimentos concedidos durante o estudo dos objectos acima descritos (2).

(1) Júlio Martinez Santa-Olalla, *Esquema paleolítico de la Península Hispánica*, 2.^a edição, Madrid, 1946.

(2) Fotografias de Georges Zbyszewski.